

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS FAZ O BALANÇO DAS GRANDES LUTAS POPULARES DOS ÚLTIMOS DEZ MESES

O Comité Central do Partido Comunista Português reuniu na primeira quinzena de Agosto para analisar a situação política do país, e em especial o recente movimento grevista, as relações do Partido com o movimento operário internacional, alguns problemas da sua vida interna e para definir as novas tarefas do Partido.

As discussões realizaram-se sobre a base de informes apresentados pela Comissão Política com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1— «Sobre a actividade do Partido nas Campanhas eleitorais para deputados à Assembleia Nacional e para a Presidência da República» — relator: cam. Gomes.
- 2— «As greves políticas de Junho e Julho tiveram carácter nacional» — relator: c. Freitas
- 3— «O internacionalismo proletário e as tarefas do Partido» — relator: cam. João
- 4— Problemas internos do Partido.

Sobre a Situação Política

A abrir o Informe da Comissão Política o cam. Gomes fez um breve resumo dos acontecimentos internos e internacionais desde o V Congresso do Partido, em Outubro passado.

Referindo-se à grave situação económica nacional afirmou, baseando-se nos números, que «o marasmo da economia nacional, o empobrecimento crescente das classes trabalhadoras, o aumento constante do número de portugueses sem trabalho... criaram um estado de tal descontentamento que teve expressão bem viva no decorrer da última campanha eleitoral».

«Contra a política salazarista de exploração e guerra levantam-se protestos dos mais variados sectores da população».

Analisando a situação internacional, salientou que ela «evoluiu, durante o curto espaço de tempo que estamos analisando, num sentido favorável às forças democráticas e pacíficas.» Ao referir a intervenção armada dos Estados Unidos no Líbano e da Inglaterra na Jordânia, que pôs de novo o mundo à beira da guerra, salientou o papel da poderosa União Soviética, que se ergue contra esta louca corrida para a guerra com a serenidade e confiança que lhe dá a superioridade do seu regime socialista, a sua enorme potência económica e militar e a sua inalterável política de Paz e de colaboração amigável com todos os povos.

Sobre as eleições

O cam. Gomes salientou em se-

guida a justeza da orientação do Partido preconizando a concorrência às urnas nas eleições para a Assembleia Nacional e à Presidência da República.

Depois de analisar os resultados da Campanha de Novembro, afirmou que «todas as acções e ensinamentos colhidos entre as massas, pelo Partido e pelas outras forças da Oposição tiveram certa influência nos êxitos alcançados nas eleições para a Presidência da República».

A escolha dum candidato não foi fácil para as forças anti-salazaristas. A apresentação de dois candidatos anti-salazaristas representando sectores políticos distintos era inconveniente mas não aprofundou a divisão da oposição a Salazar. A unidade de acção desde os primeiros momentos e a permanência do candidato democrático, Dr. Arlindo Vicente, facilitou a organização e a mobilização das amplas massas e «imprimiu ao movimento eleitoral, desde o princípio da campanha, o carácter da luta democrática, da unidade de acção nos pontos comuns às duas candidaturas, o que posteriormente levou o candidato independente, General

Humberto Delgado, para posições democráticas definidas, bem traduzidas no histórico comunicado assinado pelos dois candidatos».

O Informe dá depois um balanço da movimentação política realizada durante a campanha eleitoral, dos êxitos obtidos pelas massas à boca das urnas e de como o salazarismo saiu enfraquecido destas grandiosas jornadas de luta. Ao mesmo tempo passa em revista as ilegalidades, as falsificações e arbitrariedades do governo, que não hesitou em lançar contra o povo o seu aparelho terrorista para impedir a vitória do candidato da oposição. Apesar disso «a oposição ganhou as eleições e os fascistas foram batidos no seu próprio terreno».

A nação inteira sabe que o Gen. Humberto Delgado foi eleito por grande maioria. O Informe refere, em seguida, as divergências e choques no seio do governo e das forças salazaristas, «sintomas evidentes da crescente decomposição do regime». «A camarilha governante está condenada historicamente a desaparecer. Nenhuma força do mundo a salvará. Mas a sua

(continua na 3.ª página)



O PROTESTO DA NAÇÃO CONTRA A INVESTIDURA DE A. TOMÁS

imprensa e na rádio, foi uma profunda indignação e um completo desinteresse que o povo de Lisboa manifestou nesse dia.

A «multidão» que os fascistas disseram ter saudado A. Tomás diante da Assembleia Nacional não passava dum pequeno número de pessoas, constituído na sua maior parte por legionários, PIDES e crianças das escolas. O Presidente, imposto, não precisou de mais de uns segundos para acolher os aplausos da assistência, e esta, mal ele virou costas debandou sem aguardar sequer a sua saída do edifício. Aos insistentes acenos de A. Tomás às poucas pessoas que se encontravam espalhadas pelo percurso estas nunca correspondiam.

Em vez da alegria que os salazaristas pretendiam, o que foi notório em Lisboa nesse dia como na véspera, foi o luto ou a simples gravata preta de que muitas pessoas se vestiram, foram os espectáculos às moscas como sucedeu no Festival ciclista de Alvalade, foi uma quebra considerável nas vendas dos jornais. Por todo o país, outros exemplos, demonstram que no desejo do povo o verdadeiro presidente da República não é o salazarista Américo Tomás, mas sim o general Humberto Delgado que soube interpretar os seus anseios mais sentidos.

Manifestação de mais de 500 pessoas em Aljustrel

Para reclamar a libertação dos presos políticos e protestar contra o investimento do almirante A. Tomás, mais de 500 pessoas, principalmente mulheres e jovens, concentraram-se, no dia 27 de Julho, no campo da Feira, em Aljustrel. (continua na 3.ª pag.)

FAÇAMOS DA COMEMORAÇÃO DO 5 DE OUTUBRO UMA AMPLA ACCÇÃO DE UNIDADE ANTI-SALAZARISTA

LUTEMOS POR JUNTAS DE FREGUESIA QUE DEFENDAM OS INTERESSES POPULARES

Aproxima-se a data do 5 de Outubro, o aniversário da revolução democrática de 1910.

A comemoração desse aniversário, no ambiente de perseguição política em que vivemos, tem servido, especialmente desde há alguns anos, para marcar a firme dedicação dos portugueses pela democracia.

A próxima comemoração vai dar-se, agora, depois de um intenso período de luta durante o qual o nosso povo mostrou bem claramente que não quer Salazar nem o seu regime, vai dar-se numa altura em que alguma coisa mudou na governação política do país, mudança imposta pela acção do nosso povo.

Foi a intensidade dessa luta, à qual vários portugueses pagaram generosamente o tributo da sua vida, que obrigou mesmo muitos elementos que sempre têm apoiado e apoiam o regime a estar de acordo, como afirmaram, com a necessidade de ser ouvida a voz dum oposição organizada. A própria imprensa, que tanto tem bajulado um regime que só mal lhe tem causado com a censura e outras perseguições, defendeu publicamente o

mesmo.

Essa é agora a mais importante tarefa das forças que se movimentaram em oposição ao regime — é a sua organização, por todos os cantos do país.

A comemoração do próximo 5 de Outubro deve servir exactamente para a organização, por todos os lados, de Comissões que se proponham dirigir-las. E tal comemoração, desde a colocação da bandeira nacional nas janelas e as pequenas reuniões de confraternização, até às amplas romagens às supulturas de destacadas figuras republicanas e à realização de largas sessões públicas, deve unir e mobilizar a grande massa de portugueses que desejam fazer ouvir as suas opiniões; que não querem viver escravos no seu próprio país.

Pouco tempo depois do 5 de Outubro vão realizar-se as eleições para as Juntas de Freguesia.

Depois do que se passou nas recentes eleições, depois da experiência riquíssima, colhida então, parece ter-se tornado claro que é necessário mobilizar as massas em todas as fases da luta.

Em torno de reivindicações sim-

ples mas sentidas pelos habitantes das diferentes freguesias, em torno de listas de cidadãos com prestígio local, é possível mobilizar a população de todos os cantos do país, é possível orientar as massas populares para irem votar na lista de gente honesta que se compromete a defender os seus interesses locais, para fiscalizarem esse acto eleitoral e para defenderem intransigentemente a honestidade dos resultados eleitorais.

Mas para conseguir tal mobilização, é essencial que, desde já, se organizem, numa base muito ampla, os elementos mais dinâmicos e capazes de orientarem tal acção.

À classe operária portuguesa, que nos últimos meses tem mostrado tão vivamente constituir a força mais progressiva, mais patriótica e mais decidida da Nação, cabe um papel fundamental na mobilização e na organização do nosso povo.

Organizar, organizar, organizar — deve ser actualmente a preocupação número um dos anti-salazaristas. Para já, devem merecer a atenção e dedicação das Comissões a formar a comemoração do 5 de Outubro e as eleições para as Juntas de Freguesia.



A REUNIAO DO COMITÉ CENTRAL

(continuação da 1.ª páq.)

queda num prazo mais ou menos curto depende da unidade e da acção das forças democráticas e anti-salazaristas e do povo.» Se estas não se unirem o salazarismo poderá prolongar a sua existência.

Referindo-se à possibilidade de solução pacífica do problema político português, o cam. Gomes salienta que as grandes lutas travadas durante a campanha eleitoral e depois dela foram novos passos no caminho duma tal solução. Entretanto o salazarismo continua a resistir criminosamente à vontade da maioria esmagadora da Nação. Por isso as forças anti-salazaristas, ao mesmo tempo que lutam por uma solução pacífica, devem também preparar-se para a necessidade de recorrer à luta armada, se esta lhe for imposta pelo governo de Salazar.

A Unidade, condição da Vitória

As lutas e manifestações populares criaram novas condições para a unidade das forças anti-salazaristas. Essa unidade expressa-se no terreno legal pelo Movimento Nacional Independente e no ilegal pela criação duma Comissão Organizadora da Junta de Libertação Nacional, amplamente representativa.

O alargamento das lutas legais pelas liberdades democráticas e de todas as lutas populares contra a política de Salazar, e a unificação e coordenação de todas estas acções no plano ilegal, poderão abrir rapidamente as condições para a vitória das forças da oposição.

O Partido Comunista Português propõe uma plataforma de unidade que pode servir de base de discussão para um programa imediato das forças oposicionistas.

«Uma plataforma em que se proponha:

- *O restabelecimento das liberdades democráticas;*
- *a amnistia política;*
- *a elevação do nível de vida das massas trabalhadoras e do povo;*
- *a defesa da economia nacional e a luta contra os monopólios;*
- *o restabelecimento de relações económicas, culturais e políticas com todos os países;*
- *e uma política externa e independente de Paz e de colaboração com todos os povos; Seria aceite, com entusiasmo, pelo povo, que lutaria à sua volta.»*

As próximas eleições para as Juntas de Freguesia e as comemorações do 5 de Outubro poderão constituir grandes jornadas de luta e de unidade das forças anti-salazaristas.

O Informe faz em seguida o balanço político das greves, paralizações e manifestações operárias e camponesas de protesto contra a burla eleitoral, as quais revelaram claramente que a classe operária é a força de vanguarda da luta da Nação contra Salazar.

A finalizar, o cam. Gomes deu um balanço ao comportamento das forças do Partido salientando

que os comunistas souberam estar na vanguarda da luta. *«O que há de positivo na nossa actividade deve-se à justeza da linha política traçada no V Congresso do Partido e à sua aplicação na prática pelo Comité Central.»*

«A luta pela Liberdade, a Democracia e a Paz está numa fase ascendente. As forças de oposição ao regime estão na ofensiva. As lutas de massas prosseguirão numa escala cada vez mais ampla com a classe operária e o seu Partido na vanguarda.»

Sobre as Greves

Apresentando o Informe da Comissão Política, o cam. Freitas fez o balanço das greves, paralizações e manifestações operárias e camponesas de protesto contra a eleição-burla.

Ao apêlo do Partido Comunista, vastos sectores da classe operária portuguesa lançaram-se em greves intermitentes, a partir do dia 12 de Junho sob as consignas de: Um Governo sem Salazar e Santos Costa; abolição da Censura; Libertação imediata de todos os presos políticos; realização de novas eleições para a Presidência da República.

Mais de 60 mil trabalhadores da cidade, do campo e do mar paralisaram o trabalho total ou parcialmente, ou manifestaram-se nas ruas cantando o hino nacional e empunhando dísticos e cartazes.

Em algumas localidades, os trabalhadores enfrentaram corajosamente as forças repressivas puseam à prova a sua combatividade.

«Estas greves políticas dos trabalhadores portugueses, disse o cam. Freitas, que são a mais potente manifestação política desencadeada pela classe operária contra o governo de Salazar, têm, pela sua extensão e conteúdo um cunho eminentemente nacional.»

O Informe desmascara a onda repressiva desencadeada pelo governo de Salazar contra os grevistas e manifestantes populares.

O cam. Freitas aponta alguns exemplos de resistência das massas trabalhadoras às forças repressivas, e afirma que se impõe «a continuação da luta contra a repressão fascista, da resistência à prisão, libertando os presos das mãos da PIDE e da GNR, da luta pela libertação de todos os trabalhadores presos e por uma imediata e ampla amnistia.»

A classe operária, principal força política nacional

Em seguida destaca a importância das reivindicações dos trabalhadores portugueses saídas da Assembleia de 300 delegados operários, industriais e agrícolas, e publicadas em manifesto ao país e afirma que a classe operária esteve sempre na vanguarda da luta de toda a Nação contra Salazar. As greves tiveram resultados políticos de enorme valor. O primeiro foi obrigar o governo a recuar nos seus propósitos repressivos; o segundo foi ter aberto à Nação novas perspectivas de luta contra o salazarismo nas novas condições criadas após a burla eleitoral; o terceiro, foi aprofundar ainda mais as contradições

internas em que o regime se debate.

«A classe operária demonstrou que a arma da greve política, elevada à escala de toda a Nação, pode ser, no futuro, a forma de luta a que o povo português terá de recorrer para mudar de regime se o salazarismo continuar a não querer ouvir a voz da Nação.»

O Partido Comunista pode orgulhar-se de ter conduzido esta importante jornada de luta da classe operária.

O Informe de Comissão Política afirma que «o Partido no seu conjunto esteve à altura das circunstâncias cumprindo com honra o seu papel de Partido da Classe Operária e o seu dever de Partido de vanguarda.»

Deficiências sérias se revelaram. A ausência de lutas reivindicativas antes do 8 de Junho; a falta de perspectivas quanto à possibilidade de desencadeamento de greves revelada por alguns camaradas, a falta de reuniões amplas em alguns importantes centros industriais; a falta de organização dos trabalhadores e do Partido, são as principais raízes dessas deficiências.

O cam. Freitas termina afirmando *«novas e decisivas jornadas pelo Pão, pela Paz e pela Democracia esperam os trabalhadores e o nosso Povo. Nessas lutas a classe operária e o seu Partido têm um papel de vanguarda a desempenhar.»*

Sobre o Internacionalismo proletário

O Informe da Comissão Política,

apresentado pelo camarada João, salienta o significado da presença duma delegação do Partido nas comemorações do 40.º aniversário do Grande Outubro e na Conferência dos 64 Partidos Comunistas e Operários realizadas em Moscovo.

O papel da União Soviética, como o maior baluarte da Paz, da Liberdade e da Independência dos povos, é posto em relêvo.

Depois de dar um balanço às relações do P.C.P. com outros Partidos irmãos, o Informe refere as linhas gerais da acção do Partido pondo em destaque as importantes manifestações de solidariedade à luta do povo português da parte dos outros povos do mundo.

Os princípios fundamentais do internacionalismo proletário orientam toda a actividade do Partido Comunista Português.

O Informe marca a posição do Partido face ao revisionismo dos dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, que serve, neste momento, os objectivos divisionistas do imperialismo em relação ao campo socialista.

As decisões do Comité Central sobre a situação política, o movimento operário, e os problemas internos do Partido serão um importante factor de reforçamento da unidade dos trabalhadores e do povo de Portugal e de vínculo da actividade dos comunistas portugueses à luta pelo Pão, pela Paz, pela Democracia e pela Independência Nacional.

**Salvemos a vida dos presos políticos!
Reclamemos uma Amnistia imediata!**

TRIBUNA DO LEITOR

A situação dos serventes da G.P. que concorrem a revisores e guarda-freios

Os agentes do quadro da Companhia dos Caminhos de Ferro na categoria de serventes, a que passaram recentemente, têm apenas 700\$00 de ordenado ainda com um desconto de 60 e tal escudos. Estes agentes desempenham as funções de revisores e guarda-freios mas não ganham como tal. Sujeitam-se a fazer diariamente 14, 16, e 18 horas seguidas e estas são pagas a singelo. Lutam com bastante falta de descanso e quando chegam à altura de fazer os exames são na maioria reprovados. Há pouco foram 120 a exame e só foram aprovados 6. Uma vez que os obrigam a cumprir as escalas que lhes são distribuídas, deviam imediatamente passá-los às categorias que desempenham, a fim de lhes darem mais ordenado.

Estes agentes antes de chegarem a serventes, passaram pela categoria de carregadores suplementares, em que estiveram 11 e 12 anos sem passarem ao quadro. Sujeitaram-se este tempo a ganhar diariamente 19\$00, sem qualquer regalia, e todos eles com lar constituído. Hoje, têm de ordenado 700\$00, pagam de renda de casa 350 e 400\$00, restando 300\$00 para eles, esposa e alguns com três filhos.

Digam como se pode viver? Foram feitos pedidos para que nos dessem aumento, mas nada resolveram. Para estes trabalhadores conseguirem descansar 3 ou 4 horas como está determinado em Lisboa-S.ª Apolónia, e Lisboa-Rossio, têm que esperar que os colegas se levantem, porque as camas não são suficientes. Vêm-se obrigados a deitar-se nas camas ainda quentes, mas só assim podem descansar.

Um Ferroviário

As nossas crianças

Todos os dias os jornais diários noticiam acidentes com crianças. Pequenos inocentes de 2, 3 e 4 anos morrem queimados nas braseiras, sob água a ferver, afogados nos poços, atropelados, envenenados, caem de muros, de árvores, ficam soterrados, são atacados por animais, devorados por suínos, roídos pelos ratos!!! É conflagrador!

A parte o número de mortes por doença que a falta de higiene e de assistência médica e a fome originam à criança no nosso país, muitas crianças saudáveis e resistentes que conseguem escapar a estes atropelos à sua saúde e ao seu desenvolvimento, são vítimas duma forma desastrosa da falta de interesse e da defesa que as rodeia.

A mãe trabalhadora das fábricas ou dos campos deixa os filhos entregues às vizinhas, ou na rua no cuidado de quem passa. Creches ou escolas infantis públicas não existem no nosso país nem uma para exemplo.

Por isso dos 200.000 nascimentos que se dão por ano no nosso país, até à idade dos 5 anos morrem 30 a 40.000 dessas crianças. Quer dizer, em cada 100 crianças que nascem no nosso país morrem entre 15 a 20 até aos 5 anos. O abaixamento constante do nível de vida do povo português moivado pelo regime de exploração salazarista e a situação de miséria alfitiva em que vive hoje no nosso país a quase totalidade dos trabalhadores, mais lem agravado também a situação da criança em Portugal.

Mães portuguesas! Lutemos incansavelmente contra Salazar obrigando-o a demitir-se para podermos conseguir um governo novo, sério e humano que olhe pelo povo e defenda e eduque as nossas crianças—OS HOMENS E MULHERES DE AMANHÃ!

Uma mãe

BASTA DE REPRESSÃO! BASTA DE CRIMES!

O assassinato, pela PIDE, de Raul Alves Junior, que noticiamos no último número do nosso jornal, foi presenciado por várias pessoas que passavam pela malfadada Rua António Maria Cardoso.

Atraídos pelos seus gritos, vários transeuntes puderam vê-lo primeiro agarrado a uma janela e, depois, a cair desamparadamente de grande altura. As pessoas protestaram em alta voz denunciando mais esse crime da PIDE e durante algum tempo os claxons dos automóveis e as campanhas dos electricos somaram-se a esse clamor.

Entretanto a PIDE, para impedir novas manifestações quando do funeral, adiantou a hora deste das 18 para as 10 da manhã, ao mesmo tempo que, com o auxílio da GNR impediu a saída dos operários das fábricas da Póvoa.

O funeral foi, apesar disso, presenciado pelos companheiros de trabalho de Raul Alves Junior, pelos operários da sua terra, que vieram aos milhares vê-lo passar pela última vez, e foi acompanhado por mais de mil pessoas que quiseram desse modo prestar a última homenagem a mais uma vítima do regime.

Entretanto as informações que nos chegam, continuam a mostrar os processos bárbaros empregados pela PIDE. Podemos, felizmente, afirmar hoje que não se confirma a morte do operário

agrícola de Montemor-o-Novo, António Farrica, embora tenha sido torturado e tenha sido visto muito ensanguentado (o que deve ter levado a espalhar-se e a chegar até nós, uma informação não verdadeira) mas o que se continua passando nas prisões da PIDE e em algumas terras onde a PIDE está impondo um intenso terror, deve preocupar cada português.

Sabemos que no Lousal, a PIDE instalou-se no posto da polícia da Mina e obriga os mineiros que aí chama a porem-se de «estátua», de braços abertos em cruz e voltados para a parede, durante horas seguidas, e bate-lhes com a cara na parede. Um dos mineiros assim torturados, Manuel da Égua, casado e pai de 6 filhos, 3 dos quais menores, enlouqueceu, tendo-lhe sido vestida uma camisa de forças e levado para o hospital.

Em Benavila, corre que vários presos desta terra têm sido barbaramente espancados, especialmente Manuel Dionísio Pereira, que esteve 24 horas em dar acordo de si e Manuel Calado.

Por muitas terras do Alentejo e Algarve, em Lisboa e nos seus arredores e no Norte, continuam as prisões de cidadãos portugueses, ou conhecidos como democratas ou trabalhadores que protestaram contra a burla eleitoral.

É o General Humberto Delgado que numa sua carta ao ministro da Presidência, escreve, em 30 de Julho: «... têm sido efectua-

das prisões em massa por todo o país, sobre populares... que se têm manifestado por diferentes processos contra as fraudes e indignidades eleitorais usadas contra a minha candidatura.» E diz mais adiante: «Não é pela intensificação da repressão que se resolvem os problemas de um Povo, muito menos quando a Nação está profundamente dividida e descontente.» E ainda: «... renuncie-se desde já a toda a forma de violência, de crueldade e de vingança.»

É esse desejo de que acabe a repressão e o terror um desejo bem popular, bem nacional.

É ele que anima dezenas de mulheres, famílias de presos, a deslocarem-se das suas terras (algumas bem longe) até Lisboa, para se avistarem com o ministro do Interior, como o fizeram mulheres do Barreiro, Grândola, Couço, Benavila, etc.

É ele que anima muitos portugueses que, por carta ou assinando documentos, protestam contra a repressão.

É ele que anima os muitos actos de solidariedade da classe operária, de portugueses de todas as classes que, desmascaram a repressão e auxiliam materialmente as suas vítimas.

Apesar do governo, por intermédio das suas forças repressivas, procurar impedir e mesmo reprimir os mais simples destes actos de protesto e de solidariedade, será o seu alargamento que fará encolher as garras da repressão.

Cada um de nós alguma coisa pode e deve fazer para criar um clima mais tolerante no nosso país. Não desprezemos essa possibilidade nem regateemos esse dever.

A soma de todos os actos pequenos e simples é que elevarão em Portugal um grito bem alto de

BASTA DE REPRESSÃO!
BASTA DE CRIMES!

EM LUTA

POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

— Na Amareleja, 70 trabalhadores que andavam no arranjo duma estrada puseram-se em greve, reclamando que os salários miseráveis de 17\$00 fossem aumentados para 23\$00. A GNR reforçada com guardas de Moura e de Évora cercou a aldeia e impediu que os trabalhadores voltassem ao trabalho, ao mesmo tempo que eram admitidos trabalhadores de fora.

Esta acção das forças repressivas não deve intimidar os valentes trabalhadores da Amareleja. O exemplo de outras localidades, mostra que, nas circunstâncias actuais, deverão prosseguir na sua luta através de concentrações na Casa do Povo e junto das autoridades aonde exijam novo trabalho.

— Depois de uma prolongada acção junto do Sindicato e de terem conseguido que a Direcção fizesse várias diligências, os trabalhadores das padarias do Porto conquistaram um aumento de salários de 10%. Esta vitória foi apenas parcial porquanto os trabalhadores reclamavam 20%, mas é ao mesmo tempo, o ponto de partida para outras lutas destes trabalhadores até à conquista total das suas reivindicações.

— Os operários de Tortozendo continuam a lutar pela melhoria das suas condições de vida. Recentemente um numeroso grupo reuniu-se no Sindicato e elaborou um documento pedindo a revisão do contrato colectivo.

— Nas Minas de S. Domingos os mineiros continuam a lutar por aumento de salários. Recentemente um grupo avistou-se com o presidente do Sindicato para reivindicar um aumento de 10\$00.

Como o «Avante!» já anteriormente salientou só através da acção unida e organizada de todos, os operários das Minas de S. Domingos conquistarão o aumento porque há muito tempo vêm lutando.

O PROTESTO DA NAÇÃO

(continuação da 1.ª pag.)

O sargento Cavaco, da G.N.R. local, quiz convencer as pessoas concentradas a dispersar, alegando que ele se interessaria pela situação dos presos políticos, porém, os seus intentos não tiveram êxito e a manifestação transformou-se numa marcha sobre a Câmara Municipal ao som de gritos de «Liberdade para os presos políticos» «Não queremos A. Tomás!» «Viva ao general Delgado» e outros.

Quando a marcha chegou em frente da Câmara, guardas da GNR a cavalo carregaram à espadreira sobre os manifestantes mas estes resistiram heróicamente atirando sarraivadas de pedras sobre os guardas. A luta prolongou-se durante algum tempo. Os guardas a pé forçavam os manifestantes a entrarem para os estabelecimentos onde os espancavam até ao desmaio, como aconteceu ao jovem Chico Russo que teve de ser internado no Hospital, mas como foram obrigados a dispersar-se o povo dominou-os em alguns locais. Houve muitos feridos de parte a parte.

Mais tarde chegaram 32 guardas da GNR de Beja que juntamente com os da terra efectuaram 4 prisões.

Greve em Cabeção

e outras acções de protesto

No dia 8, mais de 240 trabalhadores de Cabeção (Móra) puseram-se em greve contra o empossamento do almirante A. Tomás. Muitos homens e mulheres puseram luto.

Em Alcórrego, também como protesto contra o investimento de A. Tomás, várias dezenas de traba-

lhadores fizeram greve nos dias 8 e 9.

Em Benavila, houve pequenas paralizações com o mesmo objectivo, no dia 8, e viam-se numerosas pessoas de luto.

Também por todo o Norte do país, notoriamente no Porto, em Viana do Castelo, Braga e Guimarães, os dias 8 e 9 foram assinalados pelo aparecimento de muita gente de luto e o boicote aos espectáculos e jornais foi também muito sensível. Em toda esta zona do País, como no Alentejo e no Algarve, as paredes foram cobertas de inscrições onde estavam expressos vivos protestos contra o empossamento de A. Tomás.

O novo Presidente da República, feito por Salazar, não ignora o desprezo com que é olhado por toda a Nação. Em numerosas cartas enviadas de todo o país foi-lhe claramente transmitida a indignação popular ante a sua usurpação de um cargo para que o povo elegera o general Humberto Delgado. A este general numerosas pessoas enviaram cartas de apoio e onde o consideram o seu Presidente da República.

Os incitamentos de A. Tomás à unidade em torno da sua pessoa e as suas afirmações sobre alguns problemas nacionais, não podem iludir ninguém, pois para os olhos de toda a Nação ele é o comparsa da burla salazarista feita à custa do sangue e da liberdade de muitos portugueses e pelo recurso às maiores ilegalidades. Para os olhos de toda a Nação ele é o homem sem carácter que se dispôs a aceitar o cargo de Presidente da República sabendo que o povo não o elegeu e não o quer.

FERREIRA DE CASTRO

«O povo português precisa de Pão e Liberdade»
«Escrever assim é uma verdadeira tortura. Porque mal não está apenas no que a censura proíbe mas também no receio do que ela pode proibir.»

(F. de Castro — Tese ao Congresso Republicano de Aveiro — 1957)

Em 24 de Maio Ferreira de Castro fez 60 anos. Quem é Ferreira de Castro?

A posição de primeiro plano que Ferreira de Castro ocupa nas Letras Portuguesas e a projecção universal da sua obra foram alcançadas, sem dúvida alguma, pela irradiação do binário Compreensão-Humanidade, que constitui a nota dominante de todos os seus livros. Esta síntese não provém de uma atitude literária, mas de uma concepção acultante, dolorosamente amadurecida, ao longo de uma vida de privações.

Desde os 12 anos, idade com que embarcou para o Pará, que o autor de A Missão assiste ao drama do indivíduo na sociedade actual: as leves de emigrantes, de cujas amarguras e humilhações compartilhou; a exploração do homem no seringueiral «Paraiso»; a luta extenuante e trágica pela existência, a bordo do «Casiporé»; e, finalmente, a fome que sofreu nos primeiros anos da sua vida literária. A rebelião contra a injustiça social fortaleceu-se na promiscuidade das terceiras classes superlotadas dos vapores e na solidão dos campos de trabalho da Amazônia. No seu penão de rebelde inscreveu a Liberdade e a Felicidade como princípios que o guiariam na luta contra a injustiça e a humilhação do homem, seus fiéis inimigos. E manteve-se fiel a esta divisa da juventude. Entregou-se, desde então, com entusiasmo e carinho, a essa cruzada de dignificação do ser humano. Após o seu regresso do Brasil, onde se esfarelaram dramaticamente as ingé-

nias ilusões do adolescente no torturante inferno verde, que descreverá mais tarde, com mão de Mestre, em A Selva, intervém activamente, pela sua presença, pela sua palavra corajosa, pela sua obra e pelo seu exemplo, na luta do Povo Português contra a opressão e a miséria, contra a injustiça social e a exploração humilhante e pela defesa da Paz.

Ligado, pelos laços da mais fraterna humanidade, aos problemas angustiosos dos seus concidadãos, do Homem, e às incertezas da hora presente, Ferreira de Castro soube manter, com uma dignidade e honradez de que se pode orgulhar, uma conduta inflexível.

A obra de Ferreira de Castro reflete todo o seu passado através dos seus personagens. E o em que causa dos «humilhados e ofendidos», que se sente em cada página dos seus romances, nasceu-lhe no sangue, no momento em que a carne se dilacerava ao contacto com as asperezas da própria vida.

A despeito das limitações de toda a ordem, impostas aos intelectuais, desde a usurpação do poder pelos fascistas, Ferreira de Castro escreveu a sua obra, rompendo a barreira constituída pela fome e pelo medo, de dentes cerrados, mas de coração limpo de ódios ou compromissos.

Além dos méritos literários e do enriquecimento que trouxe à Literatura Portuguesa, a sua vida e a sua obra foram um exemplo para os camadas jovens de intelectuais.



Comunicado do Partido Comunista Português

SOBRE A RECENTE REMODELAÇÃO MINISTERIAL

O governo saído da última remodelação ministerial, apesar da substituição de alguns ministros, é mais um governo de Salazar e, por isso mesmo, apoiado na repressão e na demagogia. É porque é um governo de Salazar e porque se destina a reprimir o povo e a enganá-lo com promessas que não pensa cumprir, é um governo que não corresponde nem à vontade do povo, nem aos interesses nacionais.

O governo saído da última remodelação ministerial é uma tentativa desesperada dos salazaristas para salvar o regime da grave crise que está a atravessar e, ao mesmo tempo, lidar as aspirações democráticas da nação, tão vivamente expressas na última campanha eleitoral e nas recentes greves políticas da classe operária.

Salazar, que sempre escolheu os seus parceiros de governo e sempre impôs a sua vontade às nações, foi agora, pela imposição das forças oposicionistas e do povo obrigado a afastar do governo homens da sua inteira confiança como Santos Costa e Trigo de Negreiros.

Esta é uma nova vitória das forças da oposição e do povo.

As amplas lutas nacionais, contra a camarilha salazarista e a classe operária na vanguarda das lutas, o descontentamento e a repressão das forças armadas, a divisão e as dissidências nas hostes de Salazar obrigaram este a sacrificar SANTOS COSTA, o seu mais firme partidário no governo anterior, mas também o mais odiado pelo povo. As acções de protesto contra a repressão levaram também Salazar a afastar TRIGO DE NEGREIROS, o executor fiel da burla eleitoral, responsável directo das violências e dos crimes da PIDE.

Salazar, entretanto, aproveitou-se da remodelação ministerial para afastar ministros que deram provas de certa lealdade para com as forças oposicionistas. Apoiado na reacção, Salazar manobrou para organizar o novo governo que lhe está completamente submetido, como o está também o actual Presidente da República, o usurpador do cargo que, por direito e pela vontade do povo, pertence ao General Humberto Delgado.

O novo governo, embora com a substituição de alguns ministros, é mais um governo de Salazar, que continuará a política de miséria e de exploração das massas trabalhadoras, de aniquilamento das classes médias, de ruína económica, de submissão ao imperialismo estrangeiro e aos seus planos de guerra e de aventuras militares.

Através do novo governo, Salazar vai esforçar-se por criar certas ilusões nos vários sectores nacionais e semear a divisão nas forças anti-salazaristas.

Mas as dificuldades são evidentes. Salazar teve de ir buscar como último recurso e à última hora, para o Ministério-chave do Interior, um simples funcionário de carreira como o DR. PIRES CARDOSO, sujeito à disciplina governamental. Na verdade, criar um governo em que as dissidências anteriores sejam substituídas por uma submissão completa a Salazar, é o seu principal objectivo ao constituir a nova camarilha governamental. No novo governo, continuam ministros submissos ainda não totalmente queimados e com uma mais cínica capacidade demagógica, como VEIGA DE ARAÚJO, o malabarista da "protecção ao trabalhador" ou LEITE PINTO e BALTAZAR DE SOUSA, os fracassados mistificadores da juventude portuguesa. Entre os «novos» estão homens já pro-

vados nos cargos anteriores como FERREIRA DIAS e TEOTÓNIO PEREIRA, representantes, além de mais, dos grandes monopólios da indústria, da terra e da banca, no aparelho estatal.

Mas não falta no governo o «homem forte», já experimentado nas dificuldades de ministérios anteriores, o GENERAL BOTELHO MONIZ, agora encarregado de vigiar e desarticular o descontentamento organizado que cresce no seio das forças armadas. Não podia faltar desta vez ao ministério dos Estrangeiros o inevitável elo de ligação entre o governo salazarista e a reacção internacional, traduzido na pessoa do DR. MARCELO MATIAS, que fazia de Paris o centro da sua actividade de traição, quando aí ocupava o lugar de embaixador.

Mas hoje, não é já possível a Salazar reprimir, com êxito, as manobras e malabarismos que precioso no passado. Mudaram os tempos, mudaram-se as vontades.

Hoje há uma oposição unida, organizada e combativa, que tem o apoio da imensa maioria da nação, como ficou provado na última campanha eleitoral e tem a participação activa das massas trabalhadoras como força de vanguarda na luta contra o regime salazarista, como ficou demonstrado nas recentes greves políticas de mais de 60.000 trabalhadores. O povo português quer uma mudança de regime e de governo, mas sabe que com Salazar no poder não conseguirá tais objectivos.

O novo ministro da Defesa, Botelho Moniz, no discurso de 16-8, ao mesmo tempo que tenta confundir e abafar a voz dos descontentes, dizendo que o exercício se deve manter à margem da política, deixou claro o propósito de fazer das forças armadas da nação um sustentáculo do regime salazarista.

A nova manobra salazarista não enganará as forças armadas. Apesar da disciplina militar elas não consentirão que o General Botelho Moniz e os actuais governantes se sirvam do Exército da Nação para continuar a oprimir a própria nação.

As forças políticas da oposição, os democratas e anti-salazaristas sabem que contam com o apoio do povo e prosseguirão na luta sagrada pelas consignas nacionais:

- Demissão de Salazar
- Criação de um governo que realize novas eleições
- Amnistia e abolição da censura
- Restabelecimento das liberdades democráticas fundamentais.

A direcção e a coordenação da luta nacional de libertação não pode ser obra deste ou daquele partido ou agrupamento, mas de todas as forças políticas anti-salazaristas unidas numa frente comum e representadas na Junta Nacional de Libertação.

É preciso que os comunistas, socialistas e anarquistas, republicanos e monárquicos, católicos e individualidades independentes e militares patriotas, dêem o seu apoio à JUNTA NACIONAL DE LIBERTAÇÃO para alargar, coordenar, dirigir e intensificar as acções legais e ilegais contra o regime, pela demissão de Salazar e por um governo que realize novas eleições para a presidência da República.

Por estas imediatas e patrióticas aspirações lutarão todo o povo e na vanguarda desta luta estarão a classe operária e todos os trabalhadores.

A classe operária, que durante a campanha eleitoral participou valorosamente nas acções realizadas e que depois do dia 8 de Junho foi à greve política

abrindo assim novas perspectivas às forças da oposição e ao povo, continuará agora, como força mais combativa e consequente, na vanguarda da luta.

A classe operária intensificará também a luta junto do governo contra o congelamento de salários, jornas, ordenados e vencimentos e por um aumento geral, de escala móvel, de acordo com o constante aumento do custo da vida. Esta luta, ao mesmo tempo que pode levar mais pão aos lares dos trabalhadores, tornará ainda mais aguda a crise do regime. Esta luta da classe operária e de todos os trabalhadores será um factor essencial para o desenvolvimento das lutas políticas, será uma poderosa contribuição à luta pela libertação da nossa Pátria do jugo fascista.

É um objectivo patriótico e de grande importância a participação das massas e das forças anti-salazaristas nas próximas eleições para as Juntas de Regueira.

Existem hoje todas as condições para que também neste terreno sejam alcançados importantes êxitos. Ao Movimento Nacional Independente caberá o papel dirigente desta luta eleitoral.

A hora é de acção! A hora é de ofensiva! Depois do dia 8 de Junho foi infligido um novo e rude golpe no regime. A demissão de Santos Costa e Trigo de Negreiros é a primeira vitória. Esta primeira vitória mostra-nos que há agora mais e melhores condições para continuarmos a lutar pela demissão de Salazar e por um governo que realize novas eleições para a Presidência da República.

Portugueses! A vitória está ao nosso alcance! Todos unidos e à luta para a conquista da Democracia e da Liberdade!

Todos unidos por um Portugal Democrático, livre, pacífico e independente.

16 de Agosto de 1958
O Comité Central do Partido Comunista Português

MENSAGEM DE DOLORES IBARRURI

Ao Comité Central do

Partido Comunista Português

Queridos camaradas:

O nosso Partido e o povo espanhol têm seguido com grande emoção a acção valerosa das massas democráticas de Portugal quando das falseadas eleições presidenciais no vosso país. Também temos conhecimento das diversas greves que tiveram lugar ultimamente.

Estamos de todo o coração ao lado do povo português e do seu heróico Partido Comunista. Felicitamo-vos pelos êxitos alcançados por vós na mobilização das massas populares contra a ditadura de Salazar.

A luta do nosso povo coincide em muitos aspectos com a do vosso e ambas opoiam-se mutuamente.

Fazemos votos para que os vossos êxitos continuem a desenvolver-se até alcançar a vitória das forças democráticas portuguesas.

Muito cordialmente

Dolores Ibaruri

Secretário-geral do Partido Comunista de Espanha

19 de Junho de 1958.

(Esta mensagem foi publicada no «Mundo Obrero», órgão central do Partido Comunista de Espanha, de 30 de Junho de 1958)

INCLINEMO-NOS ANTE A MEMÓRIA DE JOLIOT-CURIE

Foi com uma emoção profunda que os comunistas, os partidários da Paz, os intelectuais e as pessoas progressivas do nosso país, tomaram conhecimento da morte do camarada Frederic Joliot-Curie,

ocorrida em Paris, no dia 14 de Agosto.

Joliot-Curie foi um sábio atómico notabilíssimo a quem a humanidade ficou devendo geniais descobertas e grandes investigações, mas foi ao mesmo tempo, um alto exemplo do cientista que nunca se divorciou dos problemas da humanidade e da vida. Ao lado da sua actividade de homem



de ciência e do incansável partidário da paz, presidente do Conselho Mundial da Paz desde a primeira hora e a do militante comunista destacado eleito pelo último Congresso do Partido Comunista Francês para membro do seu Comité Central.

A acção de Joliot-Curie como sábio cuja morte se deve aos efei-

tos da sua perigosa profissão, como cientista lúcido que se recusou a colaborar na fabricação da bomba atómica, como denodado lutador pela paz e pela cessação das experiências atómicas cujos perigos tantas vezes denunciou, permanecerão para sempre na memória reconhecida dos povos.

O Comité Central do Partido Comunista Português inclina-se ante a memória de Joliot-Curie. Está certo de que nessa sentida homenagem não o acompanham só todos os comunistas portugueses mas igualmente todos os partidários da Paz, todas as pessoas progressivas e em especial os intelectuais, do nosso país.

O Comité Central exprime as suas mais comovidas condolências ao Comité Central do Partido Comunista Francês, ao Conselho Mundial da Paz e à intelectualidade progressiva de França.

MENSAGEM DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

DIRIGIDA AOS TRABALHADORES PORTUGUESES

Praga, 28 de Julho de 1958

Mensagem aos trabalhadores portugueses

A Federação Sindical Mundial, em nome dos seus 92 milhões de aderentes, saudou calorosamente os trabalhadores portugueses que, apesar da feroz repressão que sobre eles caiu, desenvolvem corajosamente as suas acções, particularmente as greves e as diversas manifestações de massa e reforçam a sua unidade de classe para conquistar os seus direitos e liberdades democráticas, de que estão privados, e para impor a melhoria das suas miseráveis condições de vida.

A classe operária portuguesa contribui assim poderosamente para unir na luta contra a ditadura

fascista, as mais largas camadas do povo português, condição essencial do sucesso.

A Federação Sindical Mundial inclina-se diante dos trabalhadores e dos democratas vítimas da barbárie fascista e exprime a sua fraternal solidariedade a todos aqueles que foram presos e torturados pela sua luta exemplar.

A Federação Sindical Mundial dirige a todos os trabalhadores portugueses os seus mais fraternais votos de êxito na acção unida que desenvolvem pela melhoria das suas condições sociais, por um regime democrático, pela emancipação dos povos coloniais e pela Paz.

Marcel Bras

Secretário da F. S. Mundial



TRANSP.	284.670.00	segurança	200.00
Avanço	CUF 5.00	Coupons	65.90
Casa do P.	50.00	Cultura pro-	20.00
Casal amigo	30.00	gressiva	20.00
Clarinha	10.00	Democracia	200.00
Contra medi-		Economia	
das de-		Socialista	60.00

PARA OS MIL CONTOS

Engenharia socialista	150.00	Idem (E) Persistentes na luta	130.00
Eng. amigo	20.00	Por uma força armada dem.	18.00
Extinção pida	200.00		
Filomena	18.00		
Filosofia marxista	20.00	Três funcionários	100.00
Lénine O Liberdade	7.50	Técnica socialista	60.00
Medicina socialista	100.00	Um democrata	100.00
Para mil contos	100.00		5.000.00
TOTAL		293.333\$50	